

Aquariano típico, Alberto Pieralisi é um cineasta que caminha sempre para o futuro. Fazendo filmes há mais de 30 anos, atravessou fases significativas dos cinemas italiano e brasileiro (o neo-realismo, a era veracruziana) e percorreu os gêneros mais variados (policial, melodrama, comédia) demonstrando, com freqüência, inequívoco senso de adaptação à atualidade. Tem sido essa a tônica de sua (ascendente) carreira artesanal, iniciada em 1936 com os documentários Orvieto, Nave sulla Terra e Napoli Nostálgica e o drama To Dromaki to Paradisou, êste último filmado na Grécia durante a ocupação do país pelas forças do Eixo. Discípulo de Alessandro Blasetti e Goffredo Alessandrini, Alberto Pieralisi já era conhecido na Itália quando decidiu vir para o Brasil. Aqui, participou da implantação da Vera Cruz e da Maristela e assinou algumas das mais expressivas comédias regionais da época: João Gangorra, O Comprador de Fazendas (baseado em Monteiro Lobato) e A Família Lero-Lero. Dotado de estilo de ágil e de exuberante veia cômica, AP se sente mais à vontade dirigindo comédias. O que não é de estranhar, devido às suas origens italianas, seu amor à vida e sua habilidade na difícil arte de fazer rir. Nesta entrevista a Van Jaffa, êle fala de seus filmes, projetos e ambições. Sempre com um olhar voltado para o futuro.

ALBERTO PIERALISI

UMA CÂMARA VOLTADA PARA O FUTURO

Entrevista a Van Jaffa

A Comédia carioca: João Gangorra (esquerda) e Pega Ladrão.





VJ — Por que escolheu o Brasil para trabalhar?

AP — Minha paixão sempre foi o cinema. Já aos 16 anos de idade, fazia *shorts* em 16 mm para me divertir. Depois do serviço militar, abandonei a faculdade (eu cursava Direito) e entrei para a Cines, primeiro grande estúdio de Roma, como assistente de direção. Houve então a campanha italiana na Etiópia e tive de passar dois anos na África, como soldado. Enquanto filmava, como passatempo, as operações de guerra, conheci um oficial que mais tarde se tornaria um grande diretor: Renato Castellani. Ao voltar a Roma, irrompeu nova guerra e fui novamente convocado. Desta vez me enviaram para a Líbia. Em seguida acabei indo parar na Grécia, onde, aproveitando amizades no Alto Comando, obtive licença para dirigir um filme de longa-metragem: *To Dromaki to Paradisou* (A Pequena Estrada do Paraíso). As forças do Eixo perderam a guerra e todos os militares que estavam em Atenas foram para um campo de concentração. A partir daí, fiquei revoltado com tudo aquilo. Pensava comigo mesmo: "Na Itália, quando não é uma revolução, é uma guerra. Assim não é possível". Quando me libertaram, comecei a estudar uma maneira de sair do país. Tinha lido muito sobre o Brasil, do qual amigos meus falavam maravilhas. Enquanto esperava meu passaporte para o Brasil, fiz *Il Richiamo della Strada*. Finalmente, obtive uma autorização da Embaixada para fazer documentários em São Paulo. Escolhi esta terra porque queria trabalhar e viver em paz.

VJ — Como surgiu sua primeira oportunidade de fazer cinema em nosso país?

AP — Quando vim para o Brasil, trouxe um documentário, a fim de mostrar o meu trabalho. Alípio Ramos foi o primeiro produtor que me convidou, contratando-me para fazer um longa-metragem. Assim é que surgiu *Querida Susana*, com roteiro e direção de minha autoria. Nêle estrearam Anselmo Duarte e Tônia Carrero. Os protagonistas eram Madeleine Rosay, Nicete Bruno e Silvino Netto. Na época, o filme foi bem recebido.

VJ — A maioria de seus filmes é comédias. A escolha desse gênero como elemento da expressão foi deliberada?

AP — Foi deliberada, porque sempre gostei de comédias e também por influência do comêço de minha carreira, dos meus tempos de assistente. Antes da guerra, a produção italiana era formada na maior parte por comédias sofisticadas, as chamadas *telefoni bianchi*. Embora goste muito de comédias, sem-



Pega Ladrão:
influência neo-realista
na comédia à carioca.



Ao lado,
O Quinto Poder.
Na outra página,
Memórias de
Um Gigolô.

pre quis dirigir filmes dramáticos, como outros dois que fiz no Brasil: *Uma Luz na Estrada* e *O Quinto Poder*. *Uma Luz na Estrada* foi escrito por Pedro Bloch, a meu pedido. Pretendia fazer minha primeira experiência brasileira inteiramente dramática. A crítica se dividiu quanto ao resultado. Mas acho que a experiência valeu, apesar de feita com recursos limitadíssimos.

VJ — Você foi o primeiro diretor a utilizar uma história de Monteiro Lobato sem deturpá-la. Quem lhe deu a idéia de adaptar o conto *O Comprador de Fazendas* e como foram suas relações com Lobato?

AP — Estava procurando conhecer os escritores brasileiros mais populares, quando meu amigo Luiz Giovanini, que conhecia Monteiro Lobato, me apresen-

tou a êle. Perguntei a Lobato qual de seus contos daria melhor para uma versão cinematográfica. Êle me respondeu: "Vou lhe dar um que dará um bom filme, "O Comprador de Fazendas". E vou colaborar com você no roteiro". Infelizmente, êle não pôde, porque morreu logo em seguida. Fiz o roteiro em colaboração com Guilherme de Figueiredo. Neste filme tive como diretor de fotografia Aldo Tonti, que trabalhou nas melhores fitas de Rossellini. Tonti adorava o Brasil e aceitou prontamente vir filmar na Maristela. Anos mais tarde, êle voltaria ao nosso país como fotógrafo de *Operação Paraíso*, realizado por Henry Levin, no qual trabalhei como diretor de segunda unidade. *O Comprador de Fazendas* me deu, além do prêmio de "melhor filme", de "melhor direção" e laúreas a Procópio Ferreira, Aldo Tonti e ao próprio Lobato.



VJ — Houve alguma razão especial para que filmasse sucessivamente duas peças de R. Magalhães Júnior?

AP — Durante a filmagem de *O Comprador de Fazendas*, Procópio montou uma peça de Magalhães Júnior, "Esta Mulher é Minha", subtitulada de "João Gangorra". Ele me chamou para vê-la encenada, dizendo que daria um bom filme. Comprei os direitos, adaptei e produzi a versão cinematográfica, que ficou com o título de *João Gangorra*. Franco Zampari, o homem da Vera Cruz, gostou do resultado e comprou os direitos de outra comédia de Magalhães Júnior, "A Família Lero-Lero", que também teve ótima bilheteria.

VJ — Fale sobre *Pega Ladrão*, seu filme seguinte.

AP — A história foi extraída de um

romance alemão, "Emílio e os Detetives", de Erik Koestner, e está sendo novamente filmada, nos Estados Unidos, pelos estúdios de Walt Disney. Quem teve a idéia de filmá-lo foi Miguel Schneider, da Cibra Filmes. Trabalhei na adaptação com Paulo Roberto, homem de rádio e cinema. *Pega Ladrão* obteve muitos prêmios no VI Festival de Cinema do Distrito Federal e foi também sucesso de crítica.

VJ — *Memórias de Um Gigolô* é bem diferente de suas outras comédias, tanto no tratamento como na história. O que o levou a essa mudança?

AP — Fiquei cinco anos longe do cinema e estava impaciente para voltar a dirigir. Foi quando um amigo paulista, Mário da Cunha Rangel, me recomendou que lesse a novela de Marcos Rey

"*Memórias de Um Gigolô*". Achei que bem trabalhada poderia resultar numa comédia interessante. Também me atraiu a possibilidade de estrear em um campo novo: o da comédia picaresca. Fiz então o roteiro e o apresentei à Magnus Filmes, que acabou sendo a principal produtora da fita. Para mim, foi outra experiência feliz, pois consegui mais alguns prêmios e bastante êxito de público.

VJ — Agora, que voltou a trabalhar, você naturalmente deve ter vários projetos de filme. Diga algo sobre eles.

AP — Terminei recentemente uma comédia sofisticada, *A Culpa é dos Maridos*, baseada numa peça de G. Lesen. Depois, ambientada no Rio de Janeiro, quero dirigir um drama regional, *A Balada do Vaqueiro*, baseado na peça

Henriette Morineau e Procópio em O Comprador de Fazendas.



"Chapéu de Sebo", de Francisco Pereira da Silva.

VJ — A julgar pelos seus projetos, sua preferência recairá sempre sobre a comédia, não é?

AP — Mesmo que tente — e vou tentar o mais possível — realizar filmes dramáticos, acho que continuarei preso à comédia. Considero a arte de fazer rir tão difícil quanto a de fazer chorar. Na minha opinião, a comédia tem a mesma importância do drama ou de outro gênero superior. Meu problema é fazê-la bem, fazê-la bem sempre.

FILMOGRAFIA

1936 — *Orvieta, Nave sulla Terra* * Documentário (Itália).

1937 — *Napoli Nostálgica* * Documentário (Itália).

1942 — *To Dromaki to Paradisou* * Longa-metragem de ficção (Grécia).

1946 — *Il Richiamo della Strada* (A Saudade da Estrada) * Longa-metragem (Itália).

1947 — *Querida Susana* * Longa-metragem (Brasil).

1948 — *Uma Luz na Estrada*

1950 — *O Comprador de Fazendas*

1952 — *João Gangorra*

1954 — *A Família Lero-Lero*

1957 — *Pega Ladrão*

1961 — *O Quinto Poder* * Co-direção com Carlos Pedregal.

1964 — *Operação Paraíso* * Direção: Henry Levin * Direção de Segunda Unidade: Alberto Pieralisi.

1970 — *Memórias de Um Gigolô*

1970 — *O Entêrro da Cafetina*